
INTERCÂMBIO DE MULHERES CAMPONESAS: PROCESSO FORMATIVO NO ÂMBITO DA EXTENSÃO POPULAR

EXCHANGE OF PEASANT WOMEN: A TRAINING PROCESS WITHIN THE POPULAR EXTENSION

Submissão:
28/04/2025
Aceite:
01/09/2025

Maria Flávia Dantas da Cruz ¹  <https://orcid.org/0009-0001-1012-3122>

Leandro Vieira Cavalcante ²  <https://orcid.org/0000-0002-3970-6655>

Anelisse da Silva Pinheiro ³  <https://orcid.org/0009-0001-9391-931X>

Ozeane Araújo de Albuquerque da Silva ⁴  <https://orcid.org/0009-0002-6776-9626>

Resumo

O intercâmbio trata-se de uma prática social pautada na realização de vivências em contextos espaciais distintos daqueles cotidianamente vivenciados pelos sujeitos participantes. O diálogo de saberes e a construção compartilhada de conhecimentos estão na base do processo formativo dos intercâmbios. Aborda-se essa atividade desde a perspectiva da extensão popular, de modo que favorece a colaboração e a solidariedade entre os participantes. Foi nesse sentido que a Cáritas Diocesana de Caicó e o Grupo de Pesquisa e Extensão Territórios do Semiárido (SEMIAR), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), propuseram a realização de um intercâmbio com mulheres camponesas, no âmbito do projeto de extensão “Transição Agroecológica e Economia Solidária no Seridó Potiguar”. O intercâmbio ocorreu entre os dias 18 e 20 de fevereiro de 2025 e proporcionou com que mulheres da Serra de Santana (RN) pudessem conhecer experiências de convivência com o semiárido, agroecologia e economia solidária na Chapada do Apodi (CE). Desse modo, objetiva-se apresentar uma análise qualitativa da atividade extensionista do intercâmbio, entendido aqui como uma prática de extensão popular, descrevendo os principais resultados decorrentes dessa atividade e refletindo acerca das suas potencialidades para o processo formativo das mulheres camponesas.

Palavras-chave: Intercâmbio. Mulheres. Extensão. Diálogo de Saberes.

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN fvmaria5@gmail.com

² Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN leandro.cavalcante@ufrn.br

³ Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN anelissepnh1@gmail.com

⁴ Assistente Social e Educadora Popular da Cáritas Diocesana de Caicó ozeanealbuquerque@yahoo.com.br

Abstract

The exchange is a social practice based on experiences carried out in spatial contexts that differ from those typically experienced by the participating individuals. The dialogue of knowledge and the shared construction of knowledge are at the core of the formative process of these exchanges. This activity is approached from the perspective of popular extension, fostering collaboration and solidarity among participants. It was in this spirit that Cáritas Diocesana of Caicó and the Research and Extension Group Territories of the Semi-Arid (SEMIAR) from the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN) proposed the organization of an exchange with rural women, within the scope of the extension project ‘Agroecological Transition and Solidarity Economy in the Seridó Potiguar’. This exchange took place from February 18 to 20, 2025. It enabled women from the Serra de Santana (Rio Grande do Norte/Brazil) to learn about experiences of living with the semi-arid climate, agroecology, and solidarity economy in the Chapada do Apodi (Ceará/Brazil). Thus, this work aims to present a qualitative analysis of the extension activity of the exchange, understood here as a popular extension practice, describing the main outcomes resulting from this activity and reflecting on its potential for the educational development of rural women.

Keywords: Exchange. Women. Extension. Dialogue of Knowledge.

Introdução

O intercâmbio trata-se de uma prática social pautada na realização de vivências em contextos espaciais distintos daqueles cotidianamente vivenciados pelos sujeitos participantes, onde são apresentadas experiências que podem contribuir com a realização de práticas que fazem parte da realidade das pessoas envolvidas na atividade. Os intercâmbios estão pautados num diálogo horizontal entre os sujeitos, havendo trocas significativas de experiências e saberes, tratando-se de uma metodologia participativa comumente adotada por organizações da sociedade civil e movimentos sociais em seus processos formativos.

Nesses termos, o diálogo de saberes e a construção compartilhada de conhecimentos estão na base do processo formativo dos intercâmbios, numa perspectiva essencialmente freiriana pautada na horizontalidade e na dialogicidade (Freire, 1980). Tais processos refletem a práxis emancipatória da extensão popular, que preza pela dialogicidade e pela participação ativa nas ações propostas, com foco no comunitário e no engajamento social. As trocas e os diálogos que se estabelecem durante os intercâmbios refletem os princípios basilares da extensão popular (Melo Neto, 2014; Cruz *et al.*, 2021), favorecendo a colaboração e a solidariedade entre os sujeitos participantes.

Foi nesse sentido que a Cáritas Diocesana de Caicó e o Grupo de Pesquisa e Extensão Territórios do Semiárido (SEMIAR), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), propuseram a realização de um intercâmbio com mulheres camponesas. Tal intercâmbio ocorreu entre os dias 18

e 20 de fevereiro de 2025 e proporcionou com que mulheres da Serra de Santana (RN) pudessem conhecer experiências de convivência com o semiárido, agroecologia e economia solidária na Chapada do Apodi (CE). Para tanto, contou-se com o apoio da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, enquanto organização social que recebeu o intercâmbio, em parceria com a Associação Escola Família Agrícola Jaguaribana e demais organizações envolvidas.

Ressalta-se que tal intercâmbio está inserido no bojo das atividades realizadas no âmbito do projeto de extensão “Transição Agroecológica e Economia Solidária no Seridó Potiguar”, executado desde 2023 pelo Grupo SEMIAR, com foco na realização de ações extensionistas voltadas para a formação popular dos grupos de mulheres camponesas que atuam na região do Seridó Potiguar. Ademais, a atividade do intercâmbio contou com aporte financeiro do Programa de Extensão da Educação Superior na Pós-Graduação (PROEXT), executado na UFRN pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, o qual busca o fortalecimento das atividades de extensão no âmbito da pós-graduação.

No que se refere à Cáritas Diocesana de Caicó¹, tal intercâmbio vincula-se a duas linhas de atuação, sendo uma “Mulheres e Equidade de Gênero” e outra “Convivência com Biomas”, as quais dialogam entre si mediante ações que visam contribuir com o enfrentamento às desigualdades de gênero, defesa de direitos, da autonomia e do protagonismo das mulheres, bem como com a valorização da agricultura familiar camponesa, enquanto importante atividade que conta historicamente com o trabalho feminino. Para tanto, a organização desenvolve projetos com ênfase na convivência com o semiárido, através da implementação de tecnologias sociais e incentivo à transição agroecológica.

Diante desse contexto, objetiva-se apresentar uma análise qualitativa da atividade extensionista do intercâmbio, entendido aqui enquanto uma prática formativa de extensão popular. Para tanto, é realizada uma apresentação da metodologia executada durante a atividade, descrevendo o público-alvo e seus objetivos. Posteriormente, são anunciadas perspectivas teóricas acerca das intencionalidades do intercâmbio, com foco nos chamados intercâmbios agroecológicos, ao passo que são descritas atividades realizadas no decorrer das vivências e práticas que ocorreram no percurso proposto com as visitas nas comunidades, de modo a refletir acerca das suas potencialidades para o processo formativo das mulheres camponesas.

Metodologia

A Chapada do Apodi, no Ceará, vem sendo historicamente constituída como lócus da reprodução do capital através da territorialização do agronegócio (Cavalcante, 2019), com destaque para a fruticultura irrigada e, mais recentemente, com o cultivo de algodão transgênico (Cavalcante, 2021; Sousa e Cavalcante, 2024). A porção desse território que compreende o município de Tabuleiro do Norte foi a área escolhida para a realização do intercâmbio. A realidade observada nesse território é “fundamental para a compreensão da injustiça ambiental no Semiárido brasileiro, bem como para a apreensão do papel da convivência nesse contexto” (Sousa, 2023, p. 23). Nesse aspecto, as comunidades visitadas durante o intercâmbio são territórios imersos em conflitos ambientais que veem nas dimensões da convivência com o semiárido um modo de resistência à expansão do agronegócio, sendo elas: Santo Antônio dos Alves, Santo Estevão, Baixa do Juazeiro, Currais de Cima e Currais de Baixo.

Nas comunidades Santo Antônio dos Alves, Santo Estevão e Currais de Cima, foram visitados

¹ Infere-se que a Cáritas Diocesana de Caicó é uma entidade de promoção e atuação social da Diocese de Caicó, constituída em 1950, que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário, na busca pela construção de uma sociedade do bem-viver (CÁRITAS, 2025).

quintais produtivos que possuem tecnologias sociais agroecológicas que fomentam a transição agroecológica a partir do uso adequado dos bens naturais e de formas de cultivos que respeitem à terra e os princípios da agroecologia. Na comunidade Baixa do Juazeiro, foi experienciado um momento de troca de saberes sobre sementes crioulas, a partir da visita à Casa de Sementes Antônio Rodrigues dos Santos. Já em Currais de Baixo, visitou-se uma escola de formação camponesa e um parque ecológico.

No tocante aos sujeitos envolvidos no intercâmbio, as participantes foram camponesas pertencentes a grupos de mulheres assessorados pela Cáritas Diocesana de Caicó, organização social que executa projetos voltados à implementação de tecnologias sociais de convivência com o semiárido, visando a transição agroecológica a partir da produção sustentável em quintais produtivos. As participantes do intercâmbio residem nos municípios de Bodó e Lagoa Nova, em comunidades rurais da Serra de Santana, no interior do Rio Grande do Norte. Na ocasião, vivenciaram a experiência camponesa dos seguintes grupos de mulheres: Mãe Maria, Flores de Macambira, Flores do Campo, Florescer da Serra, Mulheres Criativas, Mulheres de Maria, Mulheres Vitoriosas, Flores de Xique-Xique e Sabores e Delícias do Umarizeiro, totalizando 15 participantes, além de representantes da Cáritas Diocesana de Caicó e do grupo SEMIAR.

A Serra de Santana, onde residem as participantes do intercâmbio, é um território que vem observando a expansão da territorialização do capital a partir da energia eólica. No cenário de instalação e operação de aerogeradores, as comunidades rurais e as mulheres camponesas vêm sendo imersas em conflitos ambientais a partir do choque do modo de vida camponês com a apropriação do território para a operação dos empreendimentos energéticos. Nesse contexto, a formação dos grupos de mulheres e a utilização das tecnologias sociais agroecológicas, que fomentam a produção orgânica a partir do processo de transição agroecológica, é uma forma de resistência e reexistência que as mulheres camponesas se utilizam para propagar no território a convivência com o semiárido, apesar dos impactos e dos conflitos existentes.

Diante do contexto de conflito ambiental a qual as comunidades da Chapada do Apodi/CE, no município de Tabuleiro do Norte, e as mulheres camponesas das comunidades rurais e quilombolas da Serra de Santana/RN, em particular dos municípios de Bodó e Lagoa Nova estão imersas, evidencia-se a importância da realização do intercâmbio para fomentar a promoção da troca de experiências e saberes e do compartilhamento de informações sobre manejo agroecológico, enquanto uma forma de resistência à expansão do capital.

A respeito dos procedimentos básicos para a realização de intercâmbios, adaptaram-se algumas etapas evidenciadas por Zanelli (2015) para a realidade do intercâmbio vivenciado pelas mulheres camponesas da Serra de Santana no território da Chapada do Apodi, a saber: momento de abertura; apresentação dos participantes e dos grupos e organizações envolvidas; história do território; visita à propriedade anfitriã para conhecer as tecnologias sociais agroecológicas; visita aos quintais produtivos das comunidades circunvizinhas; troca de sementes; visita à escola e parque ecológico; partilha de conhecimentos e encerramento.

As distintas atividades realizadas durante o intercâmbio foram registradas em imagens e vídeos que representam a interação das participantes com o território, bem como as tecnologias sociais e práticas agroecológicas visitadas durante as vivências nas comunidades. Infere-se que todas as participantes assinaram um termo de autorização de uso das imagens, conforme as normas éticas de compromisso social com os direitos de imagem dos sujeitos sociais em atividades de extensão. É possível conferir algumas dessas imagens na discussão dos resultados do intercâmbio, apresentado na sequência.

No que se refere à metodologia de sistematização da experiência, Holliday (2006) afirma que o processo de sistematização se refere à interpretação crítica de experiências, a partir do seu ordenamento, explicitando a lógica do processo vivido e os fatores que se relacionam entre si. Nesse aspecto, utilizamos como estratégias de coleta de informações as anotações em diários de campo e os relatos das participantes envolvidas durante as distintas etapas do intercâmbio. A sistematização constituiu uma fase importante do trabalho, pois nos permitiu não só analisar os acontecimentos do intercâmbio, mas também as interpretações que os sujeitos envolvidos tiveram sobre a experiência (Holliday, 2006).

Resultados e discussão

Os intercâmbios, conforme Zanelli (2015, p. 103), constituem um “conjunto de metodologias que articula diversos procedimentos técnicos”, objetivando “a problematização das questões vivenciadas pelos agricultores” na “busca coletiva pela superação do problema”. Nesse aspecto, os intercâmbios possibilitam a:

[...] criação de laços de solidariedade e luta política que exercitam um olhar conjunto e popular a respeito do território. Também buscam dar visibilidade às denúncias e aos anúncios, aos conflitos sociais e ambientais, às experiências de resistência e de autonomia, de valorização da cultura regional e popular, de organização que marcam os locais por onde as rotas passam e ao final se encontram num local de culminância (Abrasco, 2018, p. 334).

No tocante aos intercâmbios agroecológicos, estes assumem os “agroecossistemas de cada família agricultora como território de produção de conhecimento e busca estimular a troca de saberes” (Amorim *et al.*, 2018, p. 2). Os intercâmbios agroecológicos apresentam-se como experiências extremamente importantes para as mulheres campões, uma vez que são nesses momentos que as participantes “entram em contato com outras experiências, vêem similaridades e diferenças com suas próprias, comparam, questionam ao grupo e a si mesmas” a partir da valorização da troca de conhecimentos (Maronhas *et al.*, 2011, p. 2), mediante um processo essencialmente dialógico e horizontal (Freire, 1980).

No cenário da Chapada do Apodi e da Serra de Santana, territórios imersos em conflitos ambientais ocasionados pela expansão do agronegócio e das energias renováveis, respectivamente, o intercâmbio possui notável relevância para as participantes. Refletindo acerca da importância dos intercâmbios para as mulheres em situação de conflito ambiental, Paim, Furtado e Faustino (2024, p. 41), asseguram que “os encontros possibilitam a aproximação entre organizações e movimentos, entre distintos conhecimentos, experiências e realidades”, de modo a contribuir com a superação das “estratégias de ocultamento, invisibilização e silenciamento das mulheres que o patriarcado promove”, ao impactar diretamente o corpo-território dessas mulheres. Para as referidas autoras, os “intercâmbios representam ainda uma prática feminina de busca por soluções em diálogo”, através do compartilhamento das denúncias das injustiças e dos anúncios das resistências.

Zanelli (2015) aponta que a intenção dos envolvidos na realização dos intercâmbios é aproximar a realidade da comunidade com as participantes, de maneira que seja possível criar um ambiente propício de partilha de conhecimentos e experiências. Nesse caso, há alguns procedimentos e temas a serem trabalhados durante a realização dos intercâmbios agroecológicos, são eles: manejo e conservação dos recursos naturais; criação animal; uso de biofertilizantes e caldas naturais; resgate, variedade e manejo de sementes crioulas; segurança e soberania alimentar; formas de cultivo; co-

mercialização e beneficiamento da produção (Zanelli, 2015). Tais temas foram também discutidos no intercâmbio ora apresentado.

Entre os dias 18 e 20 de fevereiro, durante a prática formativa do intercâmbio, foram realizadas algumas atividades. O início se deu na tarde do dia 18, com um momento de abertura, possibilitando que as mulheres camponesas da Serra de Santana pudessem conhecer as agricultoras e os agricultores da Chapada do Apodi, bem como todas as pessoas envolvidas na realização da ação, como integrantes do grupo SEMIAR e da Cáritas Caicó. Esse momento inicial foi mediado por uma agente da Cáritas de Limoeiro do Norte, que possui larga experiência em atividades desempenhadas no território da Chapada do Apodi.

Durante esse momento, além de uma troca inicial, também foi possível aprender o histórico de luta e resistência das populações da Chapada do Apodi frente aos grandes empreendimentos do agronegócio e ao cenário de injustiça hídrica. Esse momento inicial foi organizado em forma de roda de conversa, como mostra a Figura 1. A escolha metodológica da roda de conversa se deu pela sua importância em priorizar discussões em torno de uma temática, a qual possibilita maior intercâmbio de informações e fluidez entre os discursos dos participantes, conforme relatam Méllo *et al.* (2007).

Figura 1. Roda de conversa entre camponesas da Chapada do Apodi e camponesas da Serra de Santana.



Fonte: Acervo dos autores - Cáritas/Semiar (2025).

Durante a realização da roda de conversa, nos foi apresentado o histórico de expropriação e invasão das terras, bem como a resistência e articulação das comunidades frente ao avanço do capital. Em muitos momentos dessa conversa, diversas mulheres da Serra de Santana tiveram a oportunidade de comparar o seu território com a região do intercâmbio, fazendo uma análise de como os processos de expropriação das empresas são parecidos, embora sejam de setores diferentes. Num diálogo horizontal, ambos os grupos puderam se conhecer um pouco melhor, a partir da partilha de suas vivências e histórias de vida.

Para além das limitações e opressões vivenciadas pelo capital, foi possível as mulheres conhecerem uma nova forma de comercializar os produtos da agricultura familiar, a partir de um projeto de economia popular solidária intitulado “CSA: Meu Quintal em Sua Cesta”, que é uma experiência de comercialização de alimentos em cestas, com agricultores de Tabuleiro do Norte e Limoeiro do Norte, a partir da atuação da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte (Maia, 2023). Essa iniciativa mobiliza as comunidades a produzirem e venderem de forma solidária, garantindo comida de qualidade e sem veneno para os consumidores.

Nessa perspectiva, através do diálogo sobre o projeto “CSA: Meu Quintal em Sua Cesta”, as mulheres da Serra de Santana tiveram a oportunidade de visualizar uma experiência prática em que há a interlocução entre agricultura familiar camponesa, agroecologia e economia popular solidária. Na experiência supracitada, as agricultoras e os agricultores se organizam a partir dos princípios da autogestão, cooperação e reciprocidade, os quais, segundo Singer (2002), são essenciais para a garantia do desenvolvimento solidário, enquanto contraposição e resistência ao desenvolvimento capitalista.

Logo após a roda de conversa, tivemos a primeira visita aos quintais agroecológicos. O primeiro quintal visitado foi o de João Vandir, que é um agricultor experimentador da comunidade Santo Antônio dos Alves. Em seu quintal, foi possível visualizar e experienciar tecnologias sociais integradas, como: pocilga, bioágua familiar, meliponário, biodigestor, casa de vegetação, horta autoirrigável, cisternas de primeira e segunda água, aquaponia, plantação de palma forrageira e cultivos agroecológicos. As tecnologias sociais supracitadas podem ser visualizadas na Figura 2. Nessa primeira visita, as mulheres já conseguiram visualizar novas tecnologias sociais que não estão presentes na região da Serra de Santana, mas possuem a mesma finalidade: viabilizar água para a produção. Nesse aspecto, destaca-se a integração das tecnologias sociais do quintal visitado, que propicia melhor aplicabilidade a partir da interligação dos seus respectivos objetivos, evitando um consumo excessivo de água.

Figura 2. Tecnologias sociais presentes no quintal agroecológico de João Vandir.



Fonte: Acervo dos autores - Cáritas/Semiar (2025).

Na noite do primeiro dia, foi possível reunir todas as mulheres e alguns moradores das comunidades circunvizinhas para a realização de uma noite cultural, a fim de aprofundar as trocas e as experiências dos dois territórios. Nesse momento, tivemos a exibição de dois documentários. Objetivando a apresentação da realidade da agricultura familiar do Seridó e a resistência das mulheres do campo, foi apresentado o curta “Com Vocês Ando Melhor”², produzido na zona rural de Caicó, que tem como protagonista Eliete, uma mulher camponesa. Já para resgatar a história da Chapada do Apodi, assistimos o curta “Apodi Livre: Mulheres, Quintais e Agroecologia”³, que mostra a luta contra o agronegócio e a resistência dos camponeses, bem como o orgulho com a aprovação da Lei Estadual nº 16.820/2019, intitulada de Zé Maria do Tomé, que proíbe a pulverização aérea de agrotóxicos. Essa noite cultural proporcionou uma importante partilha de conhecimentos e sentimentos.

Na fala de uma das participantes, destaca-se a importância das temáticas exibidas através das produções audiovisuais expostas:

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yLKJOYG6rHQ>

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0ZtUmAAsVDo>

Foi muito emocionante para mim [...] Acho que caiu até uma lágrima ontem, porque com aquele vídeo (Com Vocês Ando Melhor) eu me lembrei da minha família, eles são agricultores [...] Aquele vídeo ontem me inspirou muito, muito mesmo. Não vejo a hora de chegar em casa e contar tudo para a minha mãe, tudo que eu vivi aqui (Relato de uma das participantes do intercâmbio).

Na manhã do dia seguinte, foram realizadas visitas em quintais produtivos de outras comunidades rurais da zona rural de Tabuleiro do Norte, nas comunidades de Santo Estevão e de Currais de Cima. Na ocasião da visita aos dois quintais de Santo Estevão, catalogou-se uma grande variedade de tecnologias sociais, a saber: cisterna de placas, casa de vegetação, aquaponia, galinheiro, bioágua familiar, plantação de palma forrageira, cisterna calçadão, meliponário e horta autoirrigável suspensa, dentre outras. Ademais, em ambos os quintais, destaca-se a produção orgânica de cultivos voltados à alimentação da família e à comercialização para a CSA Meu Quintal em Sua Cesta.

Em um dos quintais da comunidade Santo Estevão, vislumbra-se a importância do manejo feminino no território, visto que a agricultora responsável cuida sozinha do espaço. Nesse aspecto, a anfitriã da visita nos relatou a importância do seu quintal como um espaço terapêutico e oportunizador de renda extra através da comercialização dos produtos cultivados no quintal. Moronhas *et al.* (2011) destacam que as mulheres camponesas e as técnicas empregadas em seus quintais contam e registram histórias que são passos relevantes para a construção e o fortalecimento da agroecologia.

Ademais, Moronhas *et al.* (2011, p. 4) afirmam que o processo de transição agroecológica é oportunizado pelas camponesas, uma vez que são as mulheres as responsáveis pela “alimentação e saúde da família, em nível mais amplo, pela sustentabilidade da vida humana”. Isso torna-se evidente nas falas expostas pela agricultora responsável pelo quintal na comunidade Santo Estevão. A camponesa relata a dificuldade de produzir por meio de princípios agroecológicos, já que a disseminação de agrotóxicos se tornou comum na localidade, a partir da expansão do agronegócio (Sousa, 2023). Entretanto, apesar do fácil acesso aos venenos, a camponesa resiste em cultivar a terra através do manejo agroecológico, utilizando-se apenas de adubos e defensivos naturais para manutenção do quintal.

Na continuidade, foi visitado um quintal na comunidade de Currais de Cima. O quintal também possui protagonismo feminino no tocante ao seu manejo e cuidado. A agricultora responsável pelo espaço possui uma diversidade de espécies ornamentais e a produção de pitayas. O diferencial do quintal dessa camponesa é a produção de plantas voltadas ao paisagismo domiciliar, como rosas do deserto, cactáceas, suculentas, jiboias etc. Ademais, a produção de pitayas durante a safra garante um complemento na renda familiar através da comercialização das frutas. O quintal da camponesa e a conquista da renda própria fazem parte de um processo de autonomia e empoderamento feminino que demonstra a resiliência da mulher agricultora em inovar para agregar a esfera produtiva familiar (Moronhas *et al.*, 2011).

O segundo dia de intercâmbio contou ainda com a visita à casa de sementes da comunidade Baixa do Juazeiro, observada na Figura 3. O momento da visita na casa de sementes ocorreu em formato de roda de conversa e oportunizou a troca de sementes entre as participantes do intercâmbio e os agricultores da comunidade, bem como o câmbio de conhecimentos sobre sementes crioulas e a importância das mesmas para o fortalecimento da agricultura familiar camponesa. Santos *et al.* (2024) reforçam que a visita à casa de sementes em intercâmbios é de extrema relevância para agricultores e agricultoras, uma vez que são elas que garantem autonomia e são portadoras de cultura e ancestralidade, além de se apresentarem como meios de resiliência frente às mudanças climáticas.

Ainda no segundo dia de intercâmbio, após a visita à casa de sementes, as mulheres tiveram a oportunidade de conhecer a Escola de Formação Camponesa (Figura 4). Essa instituição não segue os mesmos moldes das escolas tradicionais, visto que se trata de uma instituição que valoriza as vivências no campo, a agricultura familiar, a agroecologia e a educação contextualizada. Essa oportunidade de conhecer uma escola de formação camponesa foi muito elogiada pelas mulheres, já que promove uma educação pensada em manter os jovens no campo, possibilitando educação de qualidade e conhecimentos necessários para que esses educandos possam permanecer em suas comunidades.

Figura 3. Visita à casa de sementes da comunidade Baixa do Juazeiro.



Fonte: Acervo dos autores - Cáritas/Semiar (2025).

Figura 4. Visita à Escola de Formação Campesina.



Fonte: Acervo dos autores - Cáritas/Semiar (2025).

Para finalizar as atividades propostas na Chapada do Apodi, foi realizada uma trilha no Parque Ecológico Olho D’água dos Currais, em que na ocasião as mulheres puderam ter um momento de partilha junto à natureza, quando foi possível banhar-se nas nascentes, cachoeiras e olhos d’água. A visita foi um momento de reconhecimento do local e de vivências sobre o lugar, face à (re)conexão com a natureza e a mata nativa da Caatinga. Esse momento foi marcante para que, após os aprendizados junto a um novo território, as mulheres pudessem relaxar e dialogar sobre as vivências do intercâmbio. O banho nas nascentes e cachoeiras também proporcionou uma contemplação das belezas da natureza presentes no território.

Como atividade final do intercâmbio, foi realizada uma avaliação entre as participantes e as instituições promotoras da atividade, através de uma roda de conversa que ocorreu na sombra de uma

grande oiticica, na área do parque ecológico (Figura 5). Esse momento de finalização e avaliação promoveu uma potente troca de saberes, que foi essencial para socializar as vivências e oportunidades a partir do intercâmbio. Entende-se que, a partir do compartilhamento e da avaliação, é possível proporcionar novas oportunidades para essas mulheres, em novos intercâmbios, avaliando não só como foram as atividades, mas também buscando entender a necessidade de novos conhecimentos por parte das participantes, de modo a planejar demais momentos formativos.

Figura 5. Roda de conversa no Parque Ecológico.



Fonte: Acervo dos autores - Cáritas/Semiar (2025).

Notou-se que o intercâmbio de mulheres desempenha uma importância não só para aquelas mulheres que estiveram presentes na atividade, como também para as companheiras dos grupos, pela possibilidade de transmitir o conhecimento adquirido com as demais participantes nos seus respectivos núcleos coletivos. A sensibilização e motivação na adoção das tecnologias sociais das comunidades visitadas, implementadas pela Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, foi outro ponto positivo apontado durante a avaliação. O relato de uma das campões da Serra de Santana demonstra a estímulo para a realização de mudanças em seus quintais, a partir do que foi vivenciado nos quintais visitados:

Um outro ponto é a questão dos quintais, que teve muitas coisas boas nos quintais [...] A gente pode adaptar na nossa casa mesmo, mesmo que não seja um projeto grande, mas a gente começa fazendo pequenas coisas. Algumas mudanças nos nossos quintais, isso já serviu de inspiração (Relato de uma das participantes do intercâmbio no momento da avaliação final).

O intercâmbio não apenas promoveu a sensibilização das participantes, como também contribuiu na união de agricultores e agricultoras, instituições acadêmicas e organizações sociais, como uma estratégia eficaz para impulsionar a construção de territórios sustentáveis e saudáveis, com impactos duradouros nos sujeitos envolvidos (Laranja *et al.*, 2024). Os relatos inseridos na sequência revelam que as experiências compartilhadas fortaleceram a capacidade das camponesas de “enfrentar os desafios contemporâneos da agricultura familiar e promover um futuro mais sustentável e justo” (Laranja *et al.*, 2024, p. 11).

O sentimento que eu tenho é que nem tudo está perdido. Foi plantada aqui no coração de cada um de nós uma semente, que a gente vai tentar, querer e vai fazer multiplicar em nossas realidades (Relato de uma das participantes do intercâmbio no momento da avaliação final).

[...] cada local tem um problema. E cada comunidade, estando unida, busca a solução. Então, a gente tem que sempre não se calar diante de determinadas situações. A gente tem voz, tem vez, tem força por fazer parte de grupos. Não é só um. Fazer parte da sociedade, seja na igreja, seja na família. Então, a gente tem que realmente buscar soluções para os problemas das nossas comunidades, do local onde a gente vive. E assim, é aprendizado, muito aprendizado a gente tem. E aqui, principalmente, a gente viu a luta (Relato de uma das participantes do intercâmbio no momento da avaliação final).

Diante do exposto nos relatos, bem como na avaliação realizada pelas mulheres, o intercâmbio apresentou-se como um valioso espaço de troca de saberes e conhecimentos (Santos *et al.*, 2024), promovendo avanços técnicos e sociais tanto nas instituições promotoras da atividade, quanto para os sujeitos envolvidos (Laranja *et al.*, 2024). O intercâmbio vislumbrou-se enquanto um espaço pleno de múltiplas aprendizagens, onde a horizontalidade, a partilha e a dialogicidade marcaram a realização de todas as atividades, fortalecendo a resistência das comunidades e a esperança de dias melhores.

Cada intercâmbio que eu vou, eu sempre tiro algo que pode ser colocado em prática. Que o que a gente viu aqui não fique só nos nossos olhos, nas nossas fotos. E a gente tira algo e coloca em prática. Seja pra defender o meio ambiente, seja pra ver o exemplo dos projetos e replicar (Relato de uma das participantes do intercâmbio no momento da avaliação final).

O acolhimento e o reaproveitamento das coisas que às vezes são até descartáveis e elas voltam a ser reaproveitadas. Isso é muito bom pra gente trabalhar, levar trabalho pra os demais no nosso grupo, pra que todos passem a conhecer, ver e ficar, assim, na memória daquelas coisas boas que aprendemos, né? (Relato de uma das participantes do intercâmbio no momento da avaliação final).

A oportunidade de participar de um intercâmbio de saberes também vislumbra, a partir da fala das participantes, como o que foi apresentado em um novo território pode e deve ser replicado em suas realidades. Esse aprendizado não se detém apenas às mulheres que tiveram a oportunidade de estarem presentes, como também é uma chance de repassar conhecimentos para as outras componentes dos grupos, como uma atividade multiplicadora. A dinâmica do intercâmbio consegue ainda desenvolver um senso de sustentabilidade nas participantes. Como mencionado nos relatos, as participantes conseguiram compreender a dimensão da defesa da natureza e do território por meio das práticas agroecológicas, que têm como fundamento também a sustentabilidade ambiental pautada na transição agroecológica (Costabeber e Moyano, 2000).

No que se refere aos aprendizados partilhados pelas agricultoras participantes, constatamos, nas suas falas, como momentos como esses são importantes para suas trajetórias individuais e coletivas, pois inspiram novas práticas e novas relações com o território em que vivem e com as sociabilidades construídas entre elas próprias. Notou-se, através das partilhas realizadas, que as mulheres concluíram o intercâmbio muito mais motivadas para o exercício da participação social em suas comunidades, bem como para uma melhor efetivação das práticas agroecológicas, entendidas como formas de cuidado com o meio que favorecem o desenvolvimento rural sustentável.

Em alguns depoimentos, por exemplo, também observamos como as mulheres conseguiram ampliar suas perspectivas e seus olhares para a questão dos biofertilizantes, explanados durante as visitas aos quintais produtivos, que são opções de defensivos naturais que não demandam do uso de agrotóxicos e produtos químicos. Essas práticas estão alinhadas à transição agroecológica e, também, à defesa da natureza, como mostra o relato abaixo:

[...] Algo que eu aprendi que me deixou muito interessada foi a questão dos fertilizantes, que são todos naturais. A minha mãe é agricultora e ela tem todos aqueles roçados, né? E quando chega a época, as formigas comem tudo. E ela usa o veneno mesmo pra matar elas. E nessa questão, eu aprendi várias técnicas aqui, que ao invés de a gente usar o veneno e ser prejudicado e prejudicar o ambiente, a gente pode estar reutilizando ele (Relato de uma das participantes do intercâmbio no momento da avaliação final).

Ao fim do segundo dia do intercâmbio, enquanto momento cultural, foi possível desfrutar em conjunto do “pré-carnaval das mulheres”, como foi intitulada a atividade, que buscou proporcionar um momento de interação e descontração entre as participantes, a partir da valorização da cultura popular local. Esse momento contou com muita diversão, marchinhas de carnaval e fantasias, mostrando mais uma vez que a socialização é um momento importante durante os processos de formação. O intercâmbio foi finalizado na manhã do dia seguinte, marcado por um momento de despedida entre as participantes, as quais sinalizaram a importância da atividade, que favoreceu a produção de conhecimentos, capazes de inspirar e motivar transformações na realidade por elas vivenciadas.

Sobre isso, enfatizamos que o intercâmbio priorizou uma metodologia freireana, que possibilitou o estabelecimento de uma relação dialógica, enquanto elemento primordial da práxis pedagógica, a qual, segundo Freire (2018), comprehende processos de reflexão e ação dos sujeitos sobre o mundo, essenciais para o desenvolvimento de uma consciência crítica e para a superação das situações de opressão. Ademais, o autor supracitado nos alerta ainda que “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua ‘convivência’ com o regime opressor” (Freire, 2018, p. 72).

Ressalta-se, além disso, que a experiência foi importante não apenas para as mulheres campesinas, mas também para as estudantes que participaram dessa ação de extensão. Estiveram presentes no intercâmbio três estudantes de mestrado, realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (GEOCERES) da UFRN-Caicó, as quais puderam vivenciar as trocas de saberes fomentadas durante todos os momentos de reflexão e aprendizado. Para tanto, essas estudantes desempenharam um papel importante no acompanhamento das atividades, seja monitorando, participando, registrando e auxiliando nas demandas necessárias. Ademais, essas vivências foram essenciais para o desenvolvimento das pesquisas de mestrado das estudantes, já que as três atuam com os grupos de mulheres, de modo que foi possível estreitar os laços entre todos os sujeitos participantes, visto que o intercâmbio se mostrou capaz de criar conexões e estabelecer afetos.

A realização do intercâmbio indicou, ainda, a superação de alguns desafios. Constatou-se que os principais desafios se situaram na seara da cultura machista e patriarcal presente na vida das mulheres. Muitas relataram dificuldades em participar de atividades educativas, principalmente quando realizadas fora das suas comunidades de origem, por diversos motivos. Um deles é o fato dessas mulheres assumirem sozinhas as responsabilidades inerentes ao cuidado com a casa, o quintal, os filhos/as, o esposo e as pessoas idosas. Além disso, registra-se o sentimento de posse que muitos homens apresentam, impedindo ou dificultando que suas esposas vivenciem certas experiências, principalmente aquelas fora de suas comunidades. Sendo assim, para muitas dessas mulheres, a participação no intercâmbio sinaliza para a superação desses desafios e deve ser situada enquanto um movimento de resistência à cultura machista e patriarcal ainda muito arraigada em nossa sociedade.

Considerações finais

Ao priorizar a utilização de metodologias participativas, baseadas na educação e na extensão popular, infere-se que o intercâmbio mobilizou processos inerentes à práxis freireana, em que as participantes puderam identificar as principais dificuldades vivenciadas por camponesas e camponeses da Chapada do Apodi, de modo a refletir sobre elas e identificar as possibilidades de resistência e de reinvenção da vida, as quais se dão pela via da cooperação e solidariedade, materializando-se na defesa da agricultura familiar camponesa, da agroecologia e da economia popular solidária. Ainda enquanto práxis pedagógica, o intercâmbio contribuiu para o despertar das mulheres sobre a organização social enquanto potente elemento de resistência e impulsor da transformação da realidade.

Desse modo, a experiência de intercâmbio apresenta diversas potencialidades para a promoção do fortalecimento de laços entre organizações, instituições e comunidades rurais. Ademais, a troca de experiências e saberes potencializa práticas sustentáveis que visam o bem viver e encorajam a luta nos territórios acometidos pela territorialização de grandes empreendimentos do capital. Assim, é de suma relevância estimular a realização dessa atividade, a fim de ressaltar a importância da agroecologia, da convivência com o semiárido e da luta camponesa. Nesses termos, ressalta-se a potencialidade dessa experiência de extensão popular no processo formativo das mulheres camponesas, movidas pela coletividade, pela dialogicidade e pelo fortalecimento da esperança.

A experiência organizativa e a resistência de camponesas e camponeses da Chapada do Apodi certamente indicam caminhos que podem ser trilhados pelas mulheres da Serra de Santana, que favoreçam o desenvolvimento da agricultura familiar camponesa e da agroecologia ao mesmo tempo em que ofereçam resistência ao avanço do capital, expresso naquela localidade pela ampliação dos megaprojetos de energias renováveis. Compreende-se, dessa forma, que o intercâmbio possibilitou esse processo de reflexão crítica diante de realidades tão adversas, que compreendem o avanço do capital e, portanto, a ampliação das desigualdades sociais. Enquanto práxis pedagógica, o intercâmbio promoveu a reflexão e a motivação para a ação, baseadas numa consciência crítica de que há possibilidades concretas de superação e transformação desta realidade.

Referências

ABRASCO - Grupo Temático de Saúde e Ambiente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva. Histórias e desafios na construção coletiva de uma ciência engajada para a transformação social. In: RIGOTTO, R. M.; AGUIAR, A. C. P.; RIBEIRO, L. A. D. (Org.). Tramas para a justiça ambiental: diálogo de saberes e práxis emancipatórias. Fortaleza: Edições UFC, 2018. p. 303-344.

CAVALCANTE, L. V. “As firmas tomaram conta de tudo”: agronegócio e questão agrária no Baixo Jaguaribe-CE. 398 f. 2019. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

CAVALCANTE, L. V. Um novo mal anunciado: a territorialização do agronegócio do algodão transgênico no Ceará. **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v. 22, n. 3, p. 145-169, 2021.

CÁRITAS DIOCESANA DE CAICÓ. **A Cáritas**. Disponível em: <https://caritascaico.org.br/>. Acesso em: 01 mar. 2025.

COSTABEBER, J. A.; MOYANO, E. Transição agroecológica e ação social coletiva. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 1, n. 4, p. 50-60, 2000.

CRUZ, P. J. S. C.; ARAÚJO, R. S.; MELO, C. T.; RODRIGUES, A. F. S. Extensão popular: bases teórico-metodológicas. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 29, n. 2, p. 69-85, 2021.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. 2. ed. Brasília: MMA, 2006.

LARANJA, R. L. B.; MORAES, R. S.; FREITAS, M. M.; SILVA, J. J.; NOBRE, H. G. Intercâmbio de saberes e práticas em sistemas produtivos sustentáveis: fortalecimento da agroecologia na Baixada Cuiabana. In: SEMINÁRIO DE AGROECOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL, IX, **Anais...** Campo Grande, 2024.

MAIA, A. S. **A práxis educativa da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte em comunidades campomenas da Chapada do Apodi**. 2023. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino) - Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte, 2023.

MARONHAS, M. E. S.; CARDOSO, E. M.; SCHOTTZ, V. R.; MATTOS, O. Intercâmbio e sistematização de experiências agroecológicas de mulheres. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, VII, **Anais...** Fortaleza, 2011.

MELO NETO, J. F. **Extensão popular**. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

MÉLLO, R. P.; SILVA, A. A.; LIMA, M. L. C.; PAOLO, A. F. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 19, p. 26-32, 2007.

PAIM, E. S.; FURTADO, F. P.; FAUSTINO, C. Contribuições políticas e epistemológicas de mulheres em defesa do território-corpo-terra-água. In: PAIM, E. S.; FURTADO, F. P. (Org.). **Mulheres em defesa do território-corpo-terra-água**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2024. p. 19-45.

SANTOS, C. R.; CARDOSO, I. M.; FERNANDES, G. B.; JESUS, T. M.; MOURA, E. A. S.; FERNANDES, T. E. Intercâmbios agroecológicos promovem trocas de conhecimentos, experiências e sementes crioulas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, XII, **Anais...** Rio de Janeiro, 2024.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002

SOUSA, J. A. **Agronegócio e injustiça ambiental na Chapada do Apodi (CE)**: a convivência precária com

INTERCÂMBIO DE MULHERES CAMPONESAS: PROCESSO FORMATIVO NO ÂMBITO DA EXTENSÃO POPULAR

o Semiárido na fronteira do capital. 2023. 223f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2023.

SOUSA, J. A.; CAVALCANTE, L. V. Cartografia social da injustiça ambiental na Chapada do Apodi, Ceará. **Mercator**, Fortaleza, v. 23, p. 1-15, 2024.

ZANELLI, F. V. **Educação do campo e territorialização de saberes:** contribuições dos intercâmbios agroecológicos. 2015. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015.